

GRÃOS DE MOSTARDA

Humberto de Campos

Contos Miúdos

A Alcides Nogueira da Silva,
Médico Homeopata,
Estes grânulos de
Sinapis Nigra,
de 1^a
(t. 1 à noite)

"31 - ... semelhante ao grão de mostarda, que o homem semeia no seu campo;
"32 - O qual é, realmente a mais pequena das sementes, mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos.

Mateus, 13-31, 32

I

O "BELLEROPHON"

Desde a Exposição Pecuária realizada em Mineapolis, não se falava em outra coisa, nos centros criadores, senão no touro "Bellerophon", premiado com 50.000 dólares. Era uma beleza de animal. E como procriador, um verdadeiro assombro, não havendo notícia de outro igual não só no Minesota como, mesmo, nos Estados Unidos.

Encerrada a grande feira, e tornando o "Bellerophon" à fazenda natal, continuou a romaria dos criadores. De toda a parte vinha fazendeiros, entusiasmados com as notícias sobre o formidável pai de malhada. E de tal forma que o seu proprietário, o velho e conceituado criador James Smith, resolveu meter o animal no estábulo e cobrar de cada visitante a quantia de dois dólares. Era um meio de reduzir o número dos inoportunos e, sobretudo, de pagar-se do tempo consumido com as explicações.

Certo dia, bateu à porta da fazenda um cavalheiro forte, ares galhardos, de pulso de ferro e quatro palmos de costa.

- Pode-se ver o touro? - indagou de James Smith, que acorreu, para atendê-lo.

- Pois não. O preço da visita está marcado em dois dólares.

- Dois dólares?... - estranhou o visitante, estacando.

E após um instante:

- Não; então, não o vejo... O senhor compreende que eu tenho grandes responsabilidades de família, e dois dólares me fazem falta. Sou "mormon" e...

- O senhor é "mormon"?

- Sim, senhor. Sou "mormon", tenho nove mulheres e quarenta e um filhos, e o senhor compreende o que devem ser as minhas despesas.

- Nove mulheres e quarenta e um filhos?... - fez James Smith, arregalando os olhos. - Então o senhor vai ganhar dois dólares.

E arrastando-o pelo braço:

- Eu quero mostrar o senhor ao meu touro!

II

SINCERIDADE

Sem pai, sem mãe, sem parentes, o Conrado voltara do serviço militar sem saber, mesmo, para onde fosse. Dos amigos da família, poucos restavam; e entre estes estava o Antônio Luiz, proprietário de uma pequena casa de móveis, cuja esposa o havia abandonado no mundo deixando-lhe, apenas, como documento de fidelidade matrimonial, a Ernestina e a Lulu, que andavam, agora, a primeira pelos vinte anos, a segunda pelos dezoito.

Acolhido pelo Antônio Luiz, que lhe deu casa e emprego, achou o Conrado que o melhor modo de pagar ao velho aquela dívida de gratidão seria casar uma das meninas, embora as soubesse alegres demais, para um homem trabalhador. E foi com essa idéia que, um dia, em conversa, tocou no assunto ao comerciante.

- Mas qual das duas você pretende? - indagou o velho.

- Eu? A mim é indiferente. O senhor que as conhece bem, é que pode ver qual das duas me servirá.

Antônio Luiz puxou a última fumaça do cachimbo de espuma, bateu-o, desentupindo-o, e falou, com a mão na consciência.

- Meu filho, isso depende de você. Se você pretende mulher que lhe dê filhos, fique com a mais velha; se, porém, quer uma que não lhos dê, escolha a mais nova.

E a um olhar interrogativo do rapaz:

- Sim, porque, se ela tivesse de tê-los, já os teria tido!

III

METAMORFOSE

(ANDRÉ J. RENARD)

A feira de Paris havia atraído de uma província longínqua um casal de salsicheiros afastados do negócio, o sr. e sra. Laripette. Transferindo o estabelecimento, haviam eles se encaminhado, indistintamente, para o galpão consagrado exclusivamente ao comércio de salchichas. E aí, nada lhes chamou tanto a atenção como uma grande máquina complicadíssima, cujo funcionamento era explicado pelo proprietário.

- Aqui tendes, senhoras e senhores, um mecanismo verdadeiramente maravilhoso, que faz, ele só, o trabalho de cinquenta operários. Basta empurrar um porco vivo por esta porta, a porta nº 1, assim (e fez entrar um porco autêntico pelo orifício indicado), pôr a máquina em movimento... assim... e esperar um instante. E vê-lo-eis sair do outro lado, completamente transformado em salsichas, chouriço, presunto e miúdos de toda a qualidade. Os ossos são transformados em adubos e a pele em carteiras para dinheiro!... A operação está terminada. Se quiserdes vos aproximar deste estrado, vereis aparecer a mercadoria anunciada!

Boquiabertos, Laripette e a mulher chegaram-se, desconfiados, para ver o prodígio.

- Entretanto, senhores e senhoras - continuou o propagandista, - ides ver coisa ainda mais assombrosa. No caso de produtos obtidos não parecerem satisfatórios, é preciso dar atrás com a máquina, para engordar o porco de novo, ou corrigir, com ele vivo, o defeito verificado na mercadoria. Eu confesso, mesmo, que não tenho aqui senão um porco, e que é ele que serve diariamente nas minhas experiências. Vou, pois, reconstituí-lo, dando com a máquina para trás... assim...

Interessado no manejo do aparelho maravilhoso, o sr. Laripette curvou-se para a frente, afim de acompanhar com os olhos, até o último instante, o desaparecimento do presunto. Tanto, porém, se curvou, que foi apanhado por uma engrenagem formidável da máquina, a qual o arrebatou, em dois safanões, fazendo-o desaparecer no tumulto vertiginoso das rodas.

As mãos na cabeça, os olhos vidrados pelo terror, a sra. Laripette soltou dois gritos, e ia soltar o terceiro, quando o dono da máquina a tranqüilizou:

- Calma, minha senhora, calma. Não há perigo nenhum. Funcionando para trás como está agora, a máquina faz voltar todas as coisas ao seu estado primitivo e natural. Nessas condições, o seu marido não corre nenhum risco, pode ficar certa. Além disso, a operação está terminada, e a senhora vai vê-lo sair, são e salvo, por aquela porta, em companhia do porco.

E abriu-se a porta nº 1.

E saíram dois porcos.

IV

O FILHO DO COMENDADOR

Foi um contentamento para o comendador Felisberto a notícia, que a esposa lhe dera, de que lhe ia oferecer, em breve, um pequeno herdeiro do seu nome, e, sobretudo, da sua fortuna.

- É verdade isso? - exclamou o velho capitalista, contendo os ímpetos do coração.

E como fosse fraco dos nervos, desatou a chorar de satisfação, ensopando de lágrimas de felicidade o seu alvo lenço de linha, vasto como um lençol.

A generosidade do comendador, durante os meses de expectativa, foi espantosa. Fraldas, camisinhas, sapatinhos de lã, barretinhos de seda, tudo isso entrava em quantidade pela porta do palacete, em que dona Enedina engordava contente, esperançada com a idéia de ter, enfim, uma criaturinha do seu sangue.

Passou-se, porém, o quinto mês. E o sexto. E o sétimo. Este último, passou-o o velho capitalista a procurar, sorridente, um nome para o pirralho. E concluiu:

- Se for homem, chamar-se-á Benevenuto.

- E se for mulher? - indagou a esposa.

- Terá o nome da mãe. Será, também, Enedina...

Antes do oitavo mês, o comendador mandou a esposa para a Europa. E trinta dias depois, recebia o seguinte telegrama:

"Comendador Felisberto Maia - Rio. - Extrai fibroma. Saudades - Enedina".

Para o capitalista, essa notícia foi um choque. E foi furioso, apoplético de raiva, que respondeu imediatamente:

"Madame Felisberto Maia - Paris - Combinação aqui foi dar outro nome criança. Caso insista dar nome Fibroma recém-nascido suspenderei mesada - Felisberto".

E respirou, com força. Era pai...

V

BEBIDA PARA VIÚVO

Se foi esse o desgosto que matou Dona Benvinda, ninguém sabe: o que é fato, é que o sr. Atanásio tinha uma predileção especial pelas bebidas, a ponto de passar semanas inteiras emendando as carraspanas.

O que, entretanto, ninguém pode contestar, é que ele adorava a mulher. É verdade que não a obedecia, quando ela lhe suplicava, agarrando-lhe as mãos:

- Não bebas mais, Atanásio! Tem piedade de mim! Isto me matará de vergonha!

As pessoas que ouviam isto asseguravam que Dona Benvinda morreu, mesmo, de vergonha; outras acham, porém, que foi de umas pauladas que o marido lhe aplicou, ao regressar, alta madrugada, mais bêbado do que nunca.

O sentimento de viúvo foi, entretanto, profundíssimo. Um fato o demonstra. Certa noite, entrou ele, com um antigo companheiro, em uma das cervejarias da Brahma, e sentou-se:

- Que tomas? - perguntou o outro.

- Nada.

- Nada? Tu não tomas nada?

- Não posso, filho! - obtemperou o Atanásio. - Eu não posso beber; tu não vês que eu estou de luto?

- Mas, isso é o de menos! - tornou o outro. Há bebidas, aqui, para pessoas de luto.

E batendo na mesa, com força:

- Cerveja preta, para um!...

VI

NÚMERO, FAZ FAVOR?

O Altino Praxedes andava já pelos trinta anos quando, casado, e com um filho, abandonou a sua fazenda das "Três Pedras", no Estado do Rio, para vir à capital da República submeter a esposa a uma operação. E como não tivesse parentes, nem amigos, nem conhecidos, foi hospedar-se, com a família, em uma pensão do Flamengo, onde lhe prometeram toda a comodidade.

Ocupado, ele mesmo, em arranjar médico e casa de Saúde, era-lhe um tormento aquela vida, acima e abaixo, numa terra desconhecida. De manhã, saía a tratar de negócio. Duas horas depois, porém, se achava outra vez em casa, a saber como estava passando a esposa. E tão inquieto andava longe da companheira, que a dona da pensão, penalizada, aconselhou:

- Sr. Praxedes, por quê o senhor, em vez de vir, não telefona para sua mulher? É mais rápido, e muito mais cômodo.

- É verdade, - concordou o hóspede, que nunca tinha falado, em sua vida, num telefone.

No dia seguinte, estava o provinciano no centro da cidade, quando se lembrou de telefonar para casa. O aparelho, e a utilidade de cada uma das peças, ele o conhecia, por ter visto outras pessoas falando. Nunca, porém, havia falado, ele próprio, de modo que foi trêmulo, quase vermelho, que pôs o fone no ouvido, pedindo:

- Ligue para minha mulher; sim?

- Número, faz favor?

Praxedes empalideceu:

- Qual número, qual nada, dona! Eu sou um homem sério. Eu só tenho uma mulher, e essa não tem numeração nenhuma!

E enganchando o fone, com estrondo:

- Trate sério; ouviu?

VII

O INGLÊS TAL... QUAL SE O PINTA

(TRISTAN BERNARD)

Uma família inglesa viajava de automóvel, no último estio, pela formosa terra de França. Como atravessava uma aldeia do Delfinado, parou, para almoçar.

A região era famosa, parece, pelos seus "champignons". Pelo menos era o que afirmava o "Baedeker", e os nossos ingleses não quiseram passar por aqueles lugares sem provar aquela preciosidade regional. Os nossos viajantes não sabiam, porém, uma única palavra de francês e não havia na aldeia um único habitante que soubesse inglês.

Como poderiam eles, pois, explicar que desejavam um prato de tão deliciosos criptogamos?

John, o filho do casal, teve uma idéia de gênio: tomou de um lápis e de uma folha de papel, e, tão bem quanto possível, desenhou um "champignon", mostrando-o ao estalajadeiro.

Este olhou o desenho, pensou, pensou, e ao fim de um instante bateu na testa.

- Ahn! - fez, sorrindo, como quem acabava de compreender.

Ao cabo de alguns minutos voltou... com um guarda-chuva!

VIII

A PARCIMÔNIA DO CORONEL

Nada encantou mais os provincianos que vieram ao Rio para as festas do Centenário, do que as mulheres que os tentavam nos cafés, nos cinemas, nas esquinas. Milhares deles ficaram depenados na primeira semana, vendo-se obrigados a tornar à província antes, mesmo, da abertura da Exposição. Em compensação, outros mostraram-se espertíssimos e econômicos, destacando-se, entre eles, o coronel Agostinho Nogueira, proprietário e um pequeno engenho em Pernambuco.

Solto, uma noite, na cidade, o coronel pôs-se a andar pela Avenida, indo ter ao ponto dos bondes, à Rua Santo Antônio. Adivinhando-lhe a origem e o pensamento, uma francesinha aproximou-se, o olhar petulante, o sorriso perverso, o gesto desafiador.

- Meu benzinho, por quanto você dá um beijinho na gente? - aventurou o velhote, com a cara mais sem-vergonha deste mundo.

- Cinquenta mil-réis, "mon cheri!"

A essas vozes, o coronel meteu o guarda-chuva debaixo do braço, e continuou a andar, tomando pela Treze de Maio. À esquerda da Evaristo da Veiga, sofreu outro assalto. Fez a mesma pergunta.

- Vinte mil-réis, "mon p'tit!" - informou a aventureira.

Parcimonioso e ajuizado, o "centenário" nortista não deu resposta. Pôs-se a caminhar, de novo, guarda-chuva em punho, até que, na praia da Lapa, novamente abordado, ouviu a terceira resposta.

- Dez mil-réis, "p'tit cochon"!

lá o coronel, já de caminho, refletindo nessa redução de preços, obtida à proporção que avançava, quando se encontrou com o seu amigo, patrício e compadre, o capitão Teneredo Bordallo.

- Ó compadre, por aqui?

- É verdade, compadre!

- Aonde vais?

Agostinho meditou rapidamente sobre as economias a fazer, e informou:

- Homem, eu mesmo não sei.

E após um instante, pensando nas reduções já conseguidas:

- Mas, pelo que vejo, compadre, eu vou a Copacabana!

IX

SEIO DA FAMÍLIA

O Octaviano Robledo era simples segundo-anista de medicina quando foi morar na "Pensão Fabrício", à rua Haddock Lobo, em frente, mesmo, à residência do coronel Viana Guedes. Alto, forte, bonito, possuía uma "pose" de tal ordem, que toda a gente o tomava, não como estudante, mas como professor da Faculdade. E foi como tal que o tomaram Dona Corina, esposa do coronel, e a Victorinha, sua filha única, e tão forte já, que parecia mais uma irmã que sua filha.

Estabelecidas as relações de sacada para sacada, o Octaviano acabou por ir visitar o velho oficial reformado, e contar-lhe os seus propósitos de casamento. Como informação, tinha apenas a dizer que era estudante, de hábitos morigerados, adorando o lar e tendo como ideal a vida no seio da família.

Duas semanas após a admissão do rapaz na residência do coronel, entrava este em casa, quanto estacou, de repente: na saleta, o decote generosamente aberto, Dona Corina sustentava sobre os joelhos, maternalmente, a cabeça do Octaviano, o qual gozava esta situação infantil, de olhos fechados.

- "Seu" patife!... - exclamou o oficial, avançando contra o grupo.

Abrindo ligeiramente um dos olhos, o Robledo não se assustou.

- Perdão! - disse; - o senhor não tem razão.

E com um sorrizinho canalha, sem mudar de posição:

- Eu não disse ao coronel que o meu ideal era viver no "seio" da família?

X

O ENGOLIDOR DE SABRE

O grande acontecimento de Niterói naquela semana, fora a estréia, no teatro municipal, de uma companhia de variedades, em que o russo Miguel Boronoff, ilusionista mundialmente consagrado, realizava o milagre de engolir, à vista do público, um sabre de dois palmos e meio. Vestido sumariamente em uma roupa de meia, para impedir qualquer idéia de truque, o artista chegava ao meio do palco, apresentava à platéia uma bandeja com uma dúzia de sabres, para que os espectadores escolhessem um, e, desembainhando-o, a boca para cima, enfiava a lâmina, goela a dentro.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

